

Caminhos teatrais

Sete Caminhos Teatrais é o nome de um evento realizado há três anos em Guanajuato, México, para discutir e refletir sobre a produção teatral contemporânea. Já passaram por ali Eugenio Barba, Luís de Tavira, Aderbal Freire, Julia Varley, Paolo Magelli, Iben Nagel Rasmussen, Tapa Sudana, todos referências importantes do universo teatral e artístico. Este ano, o evento foi dedicado ao Projeto Magdalena, uma rede internacional de mulheres de teatro que em 2011 completa 25 anos e reuniu na cidade artistas do País de Gales, Dinamarca, Singapura, Brasil, Itália, Colômbia, Estados Unidos, Espanha, México e Japão.

Ao discutir os caminhos do teatro, me dou conta de que estamos refletindo sobre os caminhos da humanidade. Cada espetáculo, cada palestra, cada experiência compartilhada, parece renovar – de formas muito distintas – o desejo e a necessidade de que o teatro provoque de forma efetiva alguma transformação. Transformação da realidade, do indivíduo, do olhar...

O fato de ser um festival dedicado à produção de mulheres – e que, sim, conta com a presença de muitos e admiráveis homens – proporciona um misto de sensações difícil de ser encontrado em outras partes: rigor, generosidade, disciplina, compaixão. Os dias são longos, a programação é intensa, o trabalho é duro. Mas há muita disposição e alegria. A começar pela coordenadora do evento, Amaranta Jeito, mexicana radicada na Espanha, de pai colombiano, que trabalha com entusiasmo impressionante enquanto carrega sua bela barriga grávida de seis meses.

O México está passando por um momento bastante delicado. A violência toma conta das ruas. Jovens não viajam de carro porque há sequestros nas estradas. O narcotráfico faz vítimas nas fronteiras a cada segundo e as mulheres são as escolhidas a dedo, sempre. Essa realidade conhecemos bem. No Brasil, mesmo que tentemos nos iludir de que estamos a salvo em nossas vidinhas relativamente protegidas, a cada dia percebemos pelos jornais e pela própria experiência que estamos todos imersos na selva. Ainda assim, a situação mexicana parece mais grave. Ou será meu olhar de estrangeira?

Os espetáculos, em sua maioria, denunciam, resistem, provocam, expõem mazelas pessoais e coletivas. Em “Mejor desnudos”, do grupo mexicano Danzarena, atores misturados a pessoas convidadas do público compartilham depoimentos curtos, densos, pessoais, às vezes emocionados, enquanto se despem. Ao fundo, ouve-se a leitura de manchetes dos jornais do dia. Em “Pasarela”, dirigido pela colombiana Patrícia Ariza, um desfile de tipos revela suas vulnerabilidades e angústias, numa alusão às passarelas de moda, mas com conteúdo bem distinto. Em “The acts”, da galesa Jill Greenhalgh, o ponto de partida é o feminicídio que ocorre na fronteira entre México e Estados Unidos. A mexicana radicada em San Francisco Violeta Luna traz uma performance de forte carga política e social sobre as fronteiras. A potência dessas produções parece estar na necessidade urgente de fazer algo. Ainda assim, há poesia, muita poesia. E silêncio. É impossível não se comover.

Ítalo Calvino disse que viajamos não para conhecer outros lugares, mas para olhar com outros olhos o lugar de onde viemos. Volto para casa com a cabeça fervendo e o coração inquieto. E enquanto circulo pelos corredores impessoais dos aeroportos,

lembro-me das palavras da dramaturga espanhola Ytziar Pascual: “eu vivo em um país onde há mais bibliotecas do que prisões. Há 50 anos não era assim...”